

A humanidade avança... mais 200 anos e o mundo será um grande manicômio...

NO ANO 87 DO "ORFEU"

"Um serão Paulista"

Na pequena sala dos Monteiros havia naquela noite um movimento enorme. Os convidados, intelectuais, espíritos elevados de ambos os sexos, discutiam animadamente questões de arte. Era a segunda reunião literária dada pelos Monteiros, e para ela haviam sido convidados os mais celebrados poetas, prosadores, pintores, escultores e todos os artistas enfim que o movimento e impetuoso agitador do século XX tinha produzido, e que derramavam no século nascente, em luminosíssimas obras de arte, o seu extraordinário talento.

A nova escola, o «Paulismo», tendo por órgão o «Orfeu», essa revista que viera agitar profundamente a literatura até aí calma e tranquila, fôra a poderosa alavanca impulsadora de tão espantoso movimento. E se não entro agora na descrição merecidamente circunstanciada dessa escola é porque todos por certo a conhecem, e se dentre os que me lerem alguém houver que, irreverente, não conheça nada dela, lamentando-o, apenas lhe aconselharei a leitura de algumas das maiores obras que tão abundantemente produziram esses grandes gênios, esses fulgurantes espíritos, como foram Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro e tantos outros. Mas, voltando á casa dos Monteiros, façamos o possível por descrever essa brilhante e artística velada.

..

Enquanto no piano a gentil Cristina Pereira fazia ouvir a deliciosa sonata dos «Eflúvios Roxos» a assistência dispersava-se nas mais variadas e artísticas divagações; uns conversavam, outros discutiam, outros ouviam, outros não ouviam, outros subiam pela escadas de caracol das suas almas, nimbando-se de pensamentos, outros ainda se afastavam em ternos idílios, e enfim todos mais ou menos perturbavam o silêncio que

demandava a esplendida partitura que estava sendo executada.

Finalmente, esta terminou; toda a assembléa ascendeu em aplausos, em fanfarras de «bis», numa ancia côr de bravos, num cheiro acre de palmas.

A executante ergueu-se em embaraço, agradeceu, e desceu novamente em rubor sobre o banco do piano.

Todos então se dirigiram ao grande poeta Jorge de Castro, também presente, para que ele, em pequenos gritos de ancia, puzesse na voz correes de transmissão e diluisse em som alguma das suas ultimas produções.

Este depois de muito instado ergueu-se em smoking, dirigiu-se para um dos ângulos da sala, e afastando de si o monoculo, começou, aureolado de silêncio:

Reentrancias de Opio

(Poesia original)

Grita a côr em ansias de ouro
Além, além, grita o som.
Grifam-se as almas em louro
Que pesadelo tão bom...

O meu Eu, e o meu Ser-me
Ergueu-se em Ter-se, noutro Eu...

As almas vomitam luz...

Opio aos montes, opio aos montes
Em flúido um minuto é hora...
Desperfumam-se os pinheiros...
Os portões não são portões
São anseios de porteiros.

Fantasia de horizonte
Ancia verde de não ser
Prelibações de foi-se... embora...

A isto seguiu-se o impossível de descrever; houve como que um redopio ascendente de palmas, flores, gritos, bravos, que o poeta envolviam, num delírio de triunfo, transparente

de som, transbordante de mais...

Tudo ruia sobre ele em abraços triangulares, em labaredas de excesso, num ruído de perfume...

Somente uma senhora, já ôca de vida, cabelos em neve, lunetas em ris-te, com ar de telmossa religiosidade, perguntava a uma outra de igual formato que lhe estava próxima, o que

era e porque chamavam áquilo «escola Paulista», como ouvia dizer?

A outra também não sabia, mas de conjétura em conjétura, chegaram á conclusão de que aquilo vinha de S. Paulo, e daí por diante ambas esta-gnaram em orações.

A seguir muitos outros poetas, com as suas produções aureolaram d'an-sias, outras tantas senhoras; dançou-se ainda uma «gavote paulica», que não era bem uma gavote, mas sim a an-cia dum «pas-de-quatre» muito interes-sante em que a dama dançava em es-pirito mas continuando sentada, e em que o cavalheiro levantando um dos pés e uma das mãos, dançava ao som do perfume das rosas que adornavam as consules, com acompanhamento de piano e uma iluminação feérica de lampadas rôxas.

Terminou a dança, as crianças em efluvios de sonho, estagnavam já pe-las cadeiras.

Então um criado grave e hierático, todo vestido de verde com laivos dou-rados, chegou á sala e disse, dando três voltas sobre si mesmo:

«Senhoras e senhores, chavenas prelibam na ansia de ser azas, trepa-deiras despropositadas de chá, estão lambendo de agua os assucares».

Todos ascenderam em Ir-se; os ca-valheiros saíram primeiro, as damas depois, o criado deu outras três vol-tas e saíu também.

Somente a um canto dois namora-dos esquecidos de proposito, e per-didos no alem, na ansia de não se-rem parvos, perdendo tão bela oca-sião de conversar, faziam voar as suas almas em fantasias alouradas de futu-ras saudosos.

Ele dizia: «A tua alma que foi, está junto de mim imponderalisando-se de posse...

«O meu não esquecer-me, ôco de Ser, estiliza-se no vacuo dos teus olhos... Reuno-me todo na disper-são que roça pela minha alma em prata dourada só para que o meu Eu possa ser teu...

(E na sala o assucar não se diluía nas chavenas...)

Ela respondeu-lhe: «Mas para que está prelibando, senhor? Nimbe-se de comedimento que póde aparecer a mamã...

Efetivamente não apareceu a mamã em efluvios de descompostura, mas ao salão chegou o perfume cinzento dos gritos das creanças, e hip... hip... hip! ansias se ouviam signal de que os brindes e o banquete expulsando de si-tempo, tinham posto azas nos den-tes... que na sala os *pudings* eram apenas comê-los...

Ergueram-se em descontentamento os dois prelibantes; os convidados singravam já nos tapetes do salão, ou-tros entravam, ébrios de chá, rubros de pão de ló, ansiantes de torradas... Ondas de recuo envolviam em fumo as almas anciadas, porque a teoria ar-ripiadora dos fosforos de cêra se ar-remessara estridentemente sobre os charutos, zombando dos acendedores automaticos e dos fosforos de 10 réis.

E a um canto, a pequenina Judit, toda contorcionada, dizia para a mãe com as mãositas enclavinadas em conter-se:

—Ai mamãsinha estou sentindo umas ansias ruivas com laivos amare-los que me estão aglutinando todo o estomago aladamente em brumas de nostalgia...

—Foi do chá filha, foi o chá verde que te causou esses efluvios alaranja-dos... Transmigraram as horas, rui-vamente os pares, em élices de bra-ços, dançaram em grandes turbilhões de corpos emaranhados...

E as crianças pressentindo um gran-de intervalo, corriam por baixo dos paúlicos meandros das pernas das ca-deiras...

Então novamente ascendeu á porta o creado, referindo:

«Destroços de remeniscencias de as-sucar procuram nostalgicamente a me-lodia duns labios que os diluam no fluido amarelo do chocolate... uplá... uplá... ho... o... o... o... o...

Tudo emigrou em romaria, os so-las desertos eram monges cogitando, e os espelhos eram resvalamentos de não ser.

E na sala o silencio estagnou num vacuo delgado e louro com laivos côr de castanha e um sabor acre a trofeus de inverno.

15-2-2002.

Augusto Cunha



"O Povo"

17 abril 1915